



jornal de letras, artes e ideias

Ano IX n.º 362 • De 13 a 19 de Junho de 1989 • 100\$00 • Semanário • Director José Carlos de Vasconcelos • Director adjunto Luís Almeida Martins

TEATRO NACIONAL D. MARIA II

O NAVIO FANTASMA



AUTO DA BARCA ENCALHADA

REPRESENTAÇÃO DE CARLOS VAZ MARGUES • TEXTO DE LUÍZ FRANCISCO REHEITO

PÁGS. 18/21

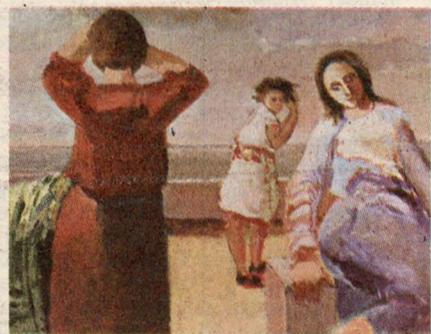
QUEM SALVA A TRIPULAÇÃO?



MADRID A MOVIDA DAS LETRAS PORTUGUESAS

Luís Almeida Martins, enviado especial

PÁGS. 6/9



MENEZ: A INFLUÊNCIA DA LUA

A crítica de João Pinharanda

PÁGS. 24/25

**AQUILINO
RIBEIRO**

OS ÚLTIMOS COMBATES

Texto de Luís Vidigal

Dez escritores portugueses presentes nas Jornadas (todos menos Luísa Costa Gomes, cujo depoimento não nos chegou às mãos a tempo de o incluirmos nesta edição) fazem o seu balanço dos trabalhos. São

As vozes de Madrid

JOSÉ CARDOSO

PIRES

**Justificadas
outras
iniciativas**

É evidente que um acontecimento como este é da maior importância para as literaturas ibéricas e que, desde já, se apresenta objectivamente definido porque não se limita à programação convencional dos encontros literários. Claro que o núcleo em que se centralizam todas as acções em curso é, como não podia deixar de ser, a divulgação do panorama da literatura portuguesa actual: a pluralidade das expressões narrativas que a caracterizam, enquadramentos, perspectivas, etc. Mas houve o cuidado, quer-me parece, de situar também este tema no conjunto dos agentes que interferem decisivamente, na existência pública do escritor. Os editores, evidentemente. O jornalismo cultura. As universidades e os institutos de línguas. Tudo isso.

Reservei para uma referência muito sublinhada a presença dos tradutores como suportes fundamentais, que são, da nossa presença de escritores no exterior. E isso foi correctamente destacado nestas Jornadas de Literatura.

Duas coisas ainda: a oportunidade (a urgência, diria mesmo) deste acontecimento e o

significado político-cultural que ele assume. Parece-me que, na hora europeia que estamos vivendo, uma acção cultural como esta surge como uma prevenção contra o imperialismo da satelização televisiva e da monopolização dos **mass media** internacionais que estão ameaçando a identidade de vários países, entre os quais Portugal. Por outro lado, o empenhamento oficial na organização deste encontro e o êxito, a meu ver, da sua expressão prática, são ainda, de algum modo, um prolongamento da experiência anterior da operação «Les Belles Étrangères».

A meu ver, basta isto para justificar outras iniciativas, ou complementares ou paralelas a esta, como se queira, basta isto, digo eu, para que nos sintamos, como escritores, cada vez menos reduzidos ao monólogo colectivo em que durante tantos anos debatemos a nossa voz.

